

# OS PROBLEMAS FILOSOFICOS DA TECNOLOGIA MODERNA SEGUNDO HERBERT MARCUSE

## PHILOSOPHICAL PROBLEMS OF MODERN TECHNOLOGY BY HERBERT MARCUSE

Angela Luzia Miranda\*  
Brenna Karoline Alves Aires\*\*

Recebido: 06/2016  
Aprovado: 10/2016

**Resumo:** Influenciado por filósofos como Hegel, Marx e Heidegger, Herbert Marcuse é considerado um dos representantes da Teoria Crítica do Século XX. Através da formulação de uma teoria social crítica, ele buscou compreender, as condições sociais de seu tempo no que diz respeito à cultura, à antropologia, à tecnologia, ao trabalho, ao capitalismo, ao totalitarismo, entre outros temas afins. Com o objetivo de compreender seu posicionamento teórico a respeito dos problemas filosóficos da tecnologia, este trabalho, cuja coleta de dados é essencialmente bibliográfica, resgata inicialmente o posicionamento marcuseano, pontuando as análises, as influências e as principais conclusões de Marcuse acerca da tecnologia expostas em suas principais obras escritas entre os anos de 1941 a 1964. De posse desta caracterização, pretende-se aprofundar o sentido político e crítico de seu pensamento acerca da tecnologia, sobretudo, no que diz respeito à categoria do uso político da tecnologia, da racionalidade tecnológica, da unidimensionalidade e da emancipação. Por fim, analisa-se a crítica marcuseana da tecnologia e a sua importância para a atualidade, considerando as manifestações atuais da globalização e da sociedade da informação. Deste modo, conclui-se com as principais perspectivas que o pensamento marcuseano pode apontar na direção de uma transformação qualitativa da condição humana no tempo presente.

**Palavras-chave:** Filosofia da Tecnologia, Marcuse, Racionalidade Tecnológica, Unidimensionalidade, Emancipação.

**Abstract:** Influenced by philosophers such as Hegel, Marx and Heidegger, Herbert Marcuse is considered one of the representatives of Critical Theory of the twentieth century. Through the formulation of a critical social theory, he sought to understand the social conditions of his time with regard to culture, anthropology, technology, work, capitalism, totalitarianism, and other related topics. In order to understand its theoretical position regarding the philosophical problems of technology, this article in which data collection is essentially bibliographic initially rescues the marcusean placement, punctuating the analysis, the influences and the main conclusions of Marcuse about the exposed technologies in his major written works between 1941 and 1964. Armed with this

---

\* Doutora em Filosofia pela Universidade de Salamanca (ES); Doutora em Ciência, Tecnologia y Sociedad pela Universidad del País Vasco. Coordenadora do Grupo de Estudos em Filosofia, Ciência, Tecnologia e Sociedade (PHRÔNESIS /UFRN). Professora da Escola de Ciências e Tecnologias, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Lagoa Nova, CEP 59078-970 Natal/RN, Brasil. Interesse pelas áreas de Filosofia, Filosofia da Tecnologia e Ética.

\*\* Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Ciências e Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Lagoa Nova, CEP 59078-970, Natal, RN, Brasil. Membro do Grupo de Estudos em Filosofia, Ciência, Tecnologia e Sociedade (PHRÔNESIS/UFRN). Interesse pelas áreas de Educação em CTS e Filosofia da Tecnologia.

*characterization, this article is intended to deepen the political and critical sense of their thinking about technology, especially with regard to the category of political use of technology, technological rationality, the one-dimensionality and emancipation. Finally, it is analyzed the Marcuse critique of technology and its importance for the present, considering the current manifestations of globalization and the information society. Thus, it is concluded with the main perspectives that marcusean thought can point toward a qualitative transformation of the human condition at the present time.*

**Keywords:** *Philosophy of Technology, Marcuse, Technological Rationality, Unidimensionality, Emancipation.*

## **Introdução**

Nascemos e morremos racional e produtivamente. Sabemos que a destruição é o preço do progresso, como a morte é o preço da vida, que a renúncia e a labuta são os requisitos para a satisfação e o prazer, que os negócios devem prosseguir e que as alternativas são utópicas. Essa ideologia pertence ao aparato social estabelecido; é um requisito para o seu funcionamento contínuo e parte de sua racionalidade (MARCUSE, 1973, p. 143).

O presente trabalho possui como principal objetivo apresentar a crítica à tecnologia moderna elaborada pelo filósofo alemão Herbert Marcuse (1898-1979), evidenciando, seu posicionamento em relação aos problemas filosóficos da tecnologia surgidos com a modernidade. Ao mesmo tempo, este estudo também procura demonstrar a relevância do pensamento marcuseano diante das condições sociais do tempo presente, considerando as características peculiares da condição humana, diante da relação ser humano – tecnologia na contemporaneidade. Apresentando uma descrição das teses de Marcuse a respeito da técnica e da tecnologia, este trabalho trata de uma investigação bibliográfica, filosófica e descritiva, na medida em que busca compreender o próprio posicionamento do filósofo a respeito do tema, através da análise minuciosa de suas obras, e também a posição de seus comentadores, que teorizaram sobre os aspectos elementares do pensamento marcuseano acerca dos problemas filosóficos da tecnologia moderna.

Na busca por compreender os fenômenos históricos de sua época, o filósofo Marcuse dedicou grande parte de seus trabalhos a tentativa de unir a teoria à prática, empreendendo análises críticas das condições sociais de seu tempo. Sobretudo nos âmbitos dos regimes totalitários, da sociedade industrial do séc. XX, do capitalismo, da tecnologia, das guerras mundiais, e etc.. Entre suas obras de relevância estão: *Razão e Revolução*, publicada em 1941, *Eros e Civilização*, publicada em 1955, *O Homem Unidimensional*, publicada em 1964. Vale ainda citar aqui o artigo intitulado *Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna*, publicado ainda em 1941 no periódico do Instituto de

Pesquisa Social (Studies in Philosophy and Social Science), que é de suma importância para o propósito deste trabalho.

Na conjuntura de suas obras (influenciadas pelas teorias de Hegel, Marx e Heidegger) encontramos a definição de tecnologia, descrita como um processo social, que influencia as relações sociais e é por elas influenciada. O filósofo distingue a técnica como sendo um conjunto de instrumentos e instruções no qual transborda racionalidade e legitimações. Esses conceitos são uma característica marcante de sua aproximação também com as obras de Veblen, Mumford, entre outros pensadores da técnica de seu tempo. Os conceitos marcuseanos circunscrevem a tecnologia como um veículo de controle social por parte dos grupos dominantes.

Para Marcuse (1973), a sociedade passou por um processo tecnológico de mudanças na racionalidade e individualidade do homem. O efeito dessas transformações foi o determinante da produção em massa e disseminação dos aparatos tecnológicos em meados do século XX. Especialmente após a II Guerra Mundial, Marcuse passou a evidenciar a relação intrínseca entre o poder tecnológico e o poder econômico, identificando em sua época que a racionalidade tecnológica tinha absorvido e se tornado a própria racionalidade individual do ser humano.

Nas constatações sobre a realidade social de sua época, em Marcuse, o “aparato técnico – social” surge como: instrumento político de dominação; objeto de neutralidade inexistente; capaz de transformar a racionalidade humana em racionalidade tecnológica; veículo de transformação da dimensão de liberdade real em unidimensional, e por fim, mesmo que utopicamente (como o próprio Marcuse aponta), como um objeto de potencial poder emancipatório do indivíduo.

É dentro deste panorama de caracterização da visão marcuseana sobre a tecnologia que está também constituído este trabalho. Ainda, complementarmente analisa-se a atualidade da tese filosófica de Marcuse com respeito aos efeitos antropológicos da tecnologia, bem como a relevância de suas discussões no tempo presente. Sobretudo, no que diz respeito à relação entre consumo e uso político da tecnologia; as inter-relações humanas com o conceito de racionalidade tecnológica e a sociedade no mundo global como manifestação do sentido da unidimensionalidade cunhada por Marcuse.

### **O significado de tecnologia** **Tecnologia política**

Em Marcuse, a análise teórica do uso político da técnica e da tecnologia em seu tempo é marcada pela constante crítica ao sistema dominante e às

condições existenciais do homem na “sociedade industrial avançada” (tal como denomina o próprio Marcuse). Seu posicionamento conduz à compreensão que o aparato tecnológico age como forma crucial de dominação, sendo utilizado pelo sistema para efetivar seu controle social, explicitando que “a tecnologia serve para instituir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle e coesão social” (MARCUSE, 1973, p.18), na medida em que ela serve às ideologias dominantes de seu tempo.

Nesse sentido, e observando as relações de trabalho manifestadas pela sociedade industrial, o filósofo analisa que “A dinâmica incessante do progresso técnico se tornou permeada de conteúdo político e o Logos da técnica foi transformado em Logos da servidão contínua” (MARCUSE, 1973, p. 154). Marcuse afirma ainda que “A sociedade se reproduz num crescente conjunto técnico de coisas e relações que inclui a utilização da técnica do homem – em outras palavras a luta pela existência e a exploração do homem e da natureza se tornaram cada vez mais científicas e racionais” (1973, p. 143-144). Estabelecendo relação com o período político em que vivia, Marcuse aponta o regime industrial como um regime totalitário, que se utiliza da coordenação e manipulação das necessidades humanas, como forma eficaz de controle, e que opera no indivíduo e em sua racionalidade, “usando a conquista científica da natureza para conquistar o homem cientificamente” (MARCUSE, 1973, p. 17).

Na “sociedade industrial avançada” o poder político é sustentado pelo poder que esse possui sobre a maquinaria que o serve, pois “O poder tecnológico tende à concentração do poder econômico” (MARCUSE, 1941, in KELLNER, 1999, p. 76), e ainda pela capacidade de organizar o aparato político social aos interesses individuais do sistema. Ao ser a tecnologia considerada objeto político de dominação, ela é entendida como uma atitude de transformação da natureza, através das descobertas e aplicações científico-tecnológicas, capazes de alterar o próprio homem em objeto dominado. Este sentido de racionalidade tecnológica ainda é reforçado por Marcuse nos seguintes termos:

A racionalidade tecnológica revela o seu caráter político ao se tornar o grande veículo de melhor dominação, criando um universo verdadeiramente totalitário no qual sociedade e natureza, corpo e mente são mantidos num estado de permanente mobilização para a defesa desse universo (MARCUSE, 1973, p. 37).

Ao observar tais afirmações acerca do “aparato técnico – social”, é interessante apontar que os discursos aqui selecionados fazem parte da obra *O Homem Unidimensional* (1964), na qual Marcuse já havia formulado concretamente sua negação à neutralidade da técnica e da tecnologia, assinalando, pois sua ideologia. Portanto, faz-se oportuno salientar aqui a

construção da crítica marcuseana a respeito da neutralidade do aparato, do objeto tecnológico.

### **Sobre a questão da neutralidade da técnica e da tecnologia**

Em *Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna*, escrito em 1941, (daqui por diante o artigo será referenciado apenas como *Implicações Sociais da Tecnologia*), Marcuse inicia claramente sua crítica à tecnologia, identificando-a como um processo social, por ser direcionada e utilizada por grupos sociais que evidenciam seus controles na eficácia de sua aplicação; por ser um modo de produção já que é fator determinante da produção em massa), e, acima de tudo, por ser um instrumento de controle e dominação, na medida em que perpetua padrões dominantes: “o poder tecnológico do aparato afeta toda a racionalidade daqueles a quem serve” (MARCUSE, 1941, *in* KELLNER, 1999, p. 77).

Sobre a neutralidade da tecnologia, Marcuse complementa seu pensamento anterior, afirmando, já no início dos anos 60, que “A tecnologia não pode, como tal, ser isolada do uso que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema que já opera no conceito e na elaboração das técnicas” (MARCUSE, 1973, p. 19). Logo a tecnologia não pode, de forma alguma, ser considerada neutra, pois ela procede de um conceito, de uma ideia. Ou seja, em sentido marcuseano, ela serve antes de tudo às ideologias dominantes.

Já a técnica em si foi concebida inicialmente pelo filósofo como um simples fator parcial, podendo promover por si só “tanto o autoritarismo quanto a liberdade, tanto a escassez quanto a abundância, tanto o aumento quanto a abolição do trabalho árduo” (MARCUSE, 1941, *in* KELLNER, 1999, p. 74). Tal posicionamento demonstra que para o filósofo a princípio a técnica em si é “compreendida como um instrumento neutro, sendo definida como os instrumentos e práticas da indústria transporte, comunicação” (BEZERRA, 2010, p. 22). Suas reflexões acerca da neutralidade da técnica sofreram modificações ao longo dos anos e em sua nova análise, o filósofo afirma que: “As técnicas de industrialização são técnicas políticas, como tal, prejudicam as possibilidades da Razão e da Liberdade” (MARCUSE, 1973, p. 37). Sobre tais ilustrações pode-se observar que em Marcuse a neutralidade da técnica havia se desmistificado agora em modo de administração total do sistema. Essa mudança de foco, deve-se à alguns fatores históricos que, segundo a estudiosa da neutralidade da ciência e da tecnologia em Marcuse, Marília Pisani, pode ser assim considerados:

Primeiro, a incorporação de uma literatura crítica sobre a técnica e a ciência moderna que surge ao longo dos anos 40 e 60, como a crítica das ciências

*Problemata: R. Intern. Fil. v. 7. n. 2 (2016), p. 185-203*

ISSN 2236-8612

modernas de Edmund Husserl, as reflexões de Martin Heidegger sobre a questão da técnica, assim como as do filósofo da técnica Gilbert Simondon. Um segundo fator pode ser resultado do novo contexto histórico do pós-Segunda Grande Guerra (PISANI, 2010).

Sobre o segundo fator apontado por Pisani, vale lembrar que o fato de ter trabalhado para o Governo dos EUA durante os períodos da II Guerra Mundial e da Guerra Fria, e ainda após ter observado a corrida armamentista e a união entre ciência e técnica para a criação de armas de guerra e de demonstração do poderio tecnológico e bélico das potências mundiais, Marcuse pôde observar a técnica e a tecnologia desde outra perspectiva. Foi, sobretudo após o lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, que o filósofo, juntamente com outros intelectuais pertencentes a seu tempo, pôde identificar com clareza a ideologia presente no discurso da neutralidade da ciência e da técnica.

Partindo dessa constatação, sobre a não neutralidade dos aparatos no pensamento marcuseano, cabe agora retomar e aprofundar ainda mais o sentido da racionalidade tecnológica, apontada por Marcuse como o principal fator de transformação do homem em um mero produto da dominação técnica. É por tal análise, das condições racionais do homem, que o pensador em questão foi aclamado como filósofo da libertação entre os anos 60 e 70.

### ***A racionalidade tecnológica***

Novamente em *Implicações Sociais da Tecnologia* (1941), defrontamos com uma avaliação marcuseana sobre a perda da racionalidade individual humana, que, por sua vez, havia sido tomada como causa de reivindicação no surgimento do empirismo lógico dos séculos XVI e XVII. Em virtude do surgimento do princípio da eficiência no século XX, tal racionalidade foi-se desapropriada do homem na chamada “era da máquina”. Sob os moldes do processo produtivo, na nova sociedade tecnológica, “Os fatos que dirigem o pensamento e a ação do homem não são os da natureza [...]. São, antes, os fatos do processo da máquina, que por si só aparecem como a personificação da racionalidade e da eficiência” (MARCUSE, 1941, in KELLNER, 1999, p. 79). Na visão marcuseana, portanto, a racionalidade do indivíduo havia se transformado em racionalidade tecnológica, e a liberdade do homem confinou-se numa adaptação ao novo poder social ditado pelas regras da máquina. Kellner, parafraseando Marcuse, acrescenta: “o mundo tinha se racionalizado a tal ponto, e esta racionalidade se tornou tal poder social, que o indivíduo não poderia fazer nada melhor que adaptar-se sem reservas” (1999, p. 78).

Seguindo essa linha de pensamento, o filósofo apresenta, em 1964 na obra *O Homem Unidimensional*, uma crítica ao controle da racionalidade que a “sociedade industrial avançada” exercia sobre o indivíduo que, por sua vez, não conhece e não apresenta oposição alguma aos ditames impostos pelo aparato. O filósofo segue considerando que a racionalidade tecnológica havia “escravizado” até mesmo a noção humana de alienação. Sua crítica ao “progresso” tecnológico reside na identificação de que a sociedade tecnológica havia se utilizado da conquista científica da natureza para conquistar o homem cientificamente.

O meu propósito é demonstrar o caráter instrumentalista interno dessa racionalidade científica em virtude da qual ela é tecnologia apriorística, e o a priori de uma tecnologia específica – a saber, tecnologia como forma de controle e dominação social (MARCUSE, 1973, p. 153).

Se a dominação havia se manifestado como racionalidade, logo, esta havia se dado no interior do ente. E a “Razão pura e cognitiva” havia se transformado em racionalidade totalitária, no sentido de que serve agora a uma administração opressora da liberdade humana. Por isso, Marcuse (1973) vai assinalar que a dominação já não se perpetua somente pela tecnologia, mas enquanto tecnologia. O filósofo afirma ainda que “Nessa sociedade, o aparato produtivo tende a tornar-se totalitário no quanto determina não apenas as oscilações, habilidades e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais” (1973, p. 18).

E, por fim, “A racionalidade tecnológica ter-se-á tornado racionalidade política” (MARCUSE, 1973, p. 19). Tal fato completa o sentido de não neutralidade do aparato tecnológico, e incita a discussão sobre os efeitos da tecnologia na racionalidade do homem ou, mais precisamente na condição humana também caracterizada posteriormente por Marcuse como unidimensional. Cabe agora, pois apresentar essa categoria da crítica marcuseana.

### ***Tecnologia e unidimensionalidade***

Para especificar as características da unidimensionalidade da condição humana com o advento da técnica moderna, segundo Marcuse, vale ressaltar algumas de suas especificidades. Para Marcuse, o homem inserido na sociedade tecnológica se transformou em um sujeito de consciência conquistada, na medida em que sua racionalidade passou a servir o sistema dominante. Agregado aos aparatos que consome, o homem deixou de exercer sua autonomia sobre suas livres faculdades de decisão, como anteriormente afirmado pelo filósofo: na sociedade industrial “a liberdade do indivíduo está

confinada à seleção dos meios mais adequados para alcançar uma meta que ele não determinou” (MARCUSE, 1941, *in* KELLNER, 1999, p. 78).

A liberdade de escolha do homem perdeu, portanto, a verdadeira característica do sentido de liberdade. Assim, o uso da tecnologia nos meios de produção e comunicação em massa permitiu às grandes indústrias a seleção e a imposição de necessidades ao homem, restando-lhe apenas a opção de adaptar-se às imposições projetadas fora de seu ser.

Nesse sentido, Marcuse também salienta que as necessidades impostas ao homem, são falsas, pois não residem na esfera da seleção biológica dos melhores meios para a sua sobrevivência, e sim residem na esfera do desperdício. Na sociedade industrial, o homem foi transformado ele mesmo em um veículo de doutrinação tecnológica, no sentido que, ao se encontrar nos produtos que consome, ao consumir, age agora em favor do sistema, perpetuando suas imposições. Daí a observação enfática de Marcuse: “as criaturas se reconhecem em suas mercadorias” (MARCUSE, 1973, p. 29).

Observando o sentido da unidimensionalidade da condição humana na contemporaneidade, Marcuse ainda destaca: “Há apenas uma dimensão, que está em toda parte e têm todas as formas” (1973, p. 31). Esta dimensão é, pois a dimensão tecnológica, baseada na racionalidade tecnológica do consumo, da qual o homem não consegue mais se subtrair, pois qualquer reação contrária à racionalidade da satisfação pelos produtos que consome, tornou-se “irracional e contraditória”. Assim diz o filósofo:

No período contemporâneo, os controles tecnológicos parece serem a própria personificação da razão para o bem de todos os grupos e interesses sociais, a tal ponto que toda contradição parece irracional e toda ação contrária parece impossível (MARCUSE, 1973, p. 30).

Os efeitos da tecnologia, no entanto, para Marcuse não se resumem somente no sentido da crítica, mas também em perspectivas positivas, com respeito ao devido uso da tecnologia por parte da tomada de consciência do homem. Nessa linha de pensamento, apresentamos agora o caráter emancipador da tecnologia.

### ***Tecnologia como emancipação***

Para dar início à compreensão do pensamento marcuseano sobre o caráter emancipatório da tecnologia, cabe destacar que, para o filósofo, o homem que adere sem resistência alguma ao que o sistema lhe impõe, também é capaz, por si só, de libertar-se da dominação presente, indicando

como principal meio a negação do todo e a retomada da consciência humana. Nesse sentido, é importante entender que para Marcuse:

Quanto mais racional, produtiva, técnica e total se torna a administração repressiva da sociedade, tanto mais inimagináveis se tornam os modos e os meios pelos quais os indivíduos administrados poderão romper sua servidão e conquistar sua própria libertação (1973, p. 28).

Para Marcuse, todo homem é capaz de passar da falsa consciência para a verdadeira, assim como a mecanização pode um dia retirar-se da esfera que faz do homem um escravo e residir no terreno das livres faculdades humanas, onde a verdadeira individualidade caberia de existência. Numa clara influência da visão marxista sobre o progresso tecnológico, o filósofo argumenta:

O progresso tecnológico possibilitaria diminuir o tempo e a energia gastos na produção das necessidades da vida, além de uma redução gradual da escassez. A abolição dos objetivos competitivos poderia permitir que o eu se desenvolvesse a partir de suas raízes naturais (MARCUSE, 1941, in KELLNER, 1999, p. 103).

Essa fase de transformação social, só será possível, tal como afirma Marcuse, se um dia a luta do povo for por uma transformação social, donde esse deixará de ser objeto de coesão social e passará agente de transformação. Enquanto houver aqueles, cujas existências foram desconsideradas no processo democrático, isto é os explorados, os perseguidos, os desempregados, os esquecidos, haverá, para Marcuse, a esperança de que um dia o mundo poderá se tornar um verdadeiro lugar de habitação do homem.

### ***A atualidade do pensamento marcuseano***

Na intenção de interpretar a crise da condição humana em seu tempo, Marcuse aborda a tecnologia desde uma perspectiva filosófica, considerando, sobretudo, as implicações antropológicas da tecnologia no mundo contemporâneo, delineando assim, a unidimensionalidade da condição humana inserido na racionalidade tecnológica, mais precisamente o homem tecnológico. Relacionando e interagindo a tecnologia com a política, a sociologia, a economia e construindo e desconstruindo conceitos, como o da neutralidade da tecnologia, racionalidade, unidimensionalidade e emancipação, Marcuse contribuiu para fomentar a discussão em torno à identidade da tecnologia moderna e da própria condição do homem de estar no mundo. Neste sentido, é importante destacar aqui o que diz Pisani:

Marcuse abre possibilidade para redefinir uma nova meta humana de mudança radical frente à crise do mundo contemporâneo. Devido a essa sua ideia de

*Problemata: R. Intern. Fil. v. 7. n. 2 (2016), p. 185-203*

*ISSN 2236-8612*

“humanidade”, ele pôde se aproximar dos movimentos ecológico e feminista ao longo dos anos 70, pois para ambos está em jogo uma nova relação com a natureza externa e interna (PISANI, 2010).[\[falta número e pág\]](#)

### ***O consumo como uso político da tecnologia***

Para iniciarmos nossa apreciação, sob a intenção de analisar os traços característicos da tecnologia moderna em Marcuse e suas implicações sociais e antropológicas, vale dizer que o indagar sobre as questões que do mesmo modo intrigaram Marcuse, é posicionar-se hoje do mesmo modo, na mesma batalha e na denúncia pela falta de liberdade da razão e da individualidade do homem, ainda presentes em nossa época, sobretudo nos meios informacionais. Se hoje a unificação dos controles se evidencia, ela transborda sua racionalidade, principalmente nos modos de produção e consumo. E a publicidade, por exemplo, dita as regras do consumo. Ela “nos faz desejar o que não temos e desprezar aquilo que já desfrutamos. Ela cria e recria a insatisfação e a tensão do desejo frustrado” (LATOUCHE, 2009, p.18).

Dos centros urbanos aos subúrbios, das rodovias às estradas de barro, das capitais às cidades interioranas, na atualidade, em quantos lugares diferentes podemos nos imaginar livres das propagandas e anúncios publicitários? Se bem pensarmos, em lugar nenhum! Permanecemos cercados por anúncios mesmo nos lugares mais remotos que possamos imaginar, nós mesmos somos agora anúncios itinerantes, tal como o *Eu Etiqueta* do poeta Carlos Drummond de Andrade (1982) já anunciava:

[...] Desde a cabeça ao bico dos sapatos,  
São mensagens,  
Letras falantes,  
Gritos visuais,  
Ordens de uso, abuso, reincidências.  
Costume, hábito, permanência,  
Indispensabilidade,  
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,  
Escravo da matéria anunciada.

Exatamente como no poema, a modernidade se caracteriza por seus anúncios ambulantes, que se manifestam das vestimentas aos celulares, dos outdoors as redes sociais, etc.. Neste novo mercado se comercializam sonhos, aspirações, imagens e símbolos, desejos pessoais, “A indústria atual funciona cada vez mais para a produção de atrações e tentações” (BAUMAN, 1999, p. 86). Para tanto, de antemão, os produtos são comercializados principalmente na idealização dos seus possíveis consumidores, através da fantasia de suas propagandas e anúncios publicitários, os objetos, em si, passaram de uma natureza material para imaterial.

Pode-se analisar que na contemporaneidade o consumo atinge um novo estágio de atuação, este, se realiza agora de forma deliberada, e na maioria das vezes de modo compulsivo e desnecessário. O indivíduo que é receptor dos anúncios e campanhas publicitárias é induzido ciclicamente (e aqui podemos ressaltar: ideologicamente) a uma cultura do desperdício. Sobre essa indução dos atuais consumidores pelos meios informacionais, André Gorz alerta:

Observando-se mais de perto esse tema, vemos que o capital fixo imaterial é utilizado num plano inteiramente diferente: ele funciona como um meio de produzir consumidores. Dizendo de outro modo, funciona para produzir desejos e vontades de imagens de si e dos estilos de vida que, adotados e interiorizados pelos indivíduos, transformam-nos nessa nova espécie de consumidores que “não necessitam daquilo que desejam, e não desejam aquilo que necessitam” (GORZ, 2003, p. 48).

Tais hábitos prescritos são característicos do homem na atualidade. Tem-se observado que tamanha produção massificada de informações, propagandas e ofertas grandiosas de produtos conseguem materializar no homem o consumidor ideal, este que assente sem oposição alguma a tal condição, satisfaz as expectativas de um mercado baseado no consumo desenfreado. Alguns anos antes, Marcuse já havia alertado para tal condição antropológica, para qual o homem começava a marchar na sociedade industrial. Nesse sentido, o filósofo aludiu que:

Os meios de transporte e comunicação em massa, as mercadorias casa, alimento e roupa, a produção irresistível da indústria de diversões e informação trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais que prendem os consumidores mais ou menos agradavelmente aos produtores e, através destes, ao todo (MARCUSE, 1973, p. 32).

Como consequência característica do uso político da tecnologia na modernidade, gradualmente “para os consumidores da sociedade de consumo, estar em movimento — procurar, buscar, não encontrar ou, mais precisamente, não encontrar ainda — não é sinônimo de mal-estar, mas promessa de bem-aventurança, talvez a própria bem-aventurança” (BAUMAN, 1999, p. 90). O homem passou então a ser preenchido (emocional e fisicamente) pela apropriação de um bem material, que aparece sempre mais “renovado” ou “aperfeiçoado” repetidamente nas vitrines e estantes. É possível analisar que tanto na sociedade industrial quanto na civilização atual:

O indivíduo eficiente é aquele cujo desempenho consiste numa ação somente enquanto seja a reação adequada às demandas objetivas do aparato, e a liberdade do indivíduo está confinada à seleção dos meios mais adequados para alcançar uma meta que ele não determinou (MARCUSE, 1941, in KELLNER, 1999, p. 78).

Marcuse assinalou o uso político da tecnologia expondo-o como um movimento entre produção e consumo (ou ainda oferta e procura), atuando como uma relação entre governantes e governados, ou seja, como uma forma nova de “controle e coesão social”, que se manifesta eficazmente. Vejamos agora dois exemplos, do cotidiano, acerca da manifestação do uso político da tecnologia, notáveis no mundo contemporâneo.

Pensemos no supermercado e em seus corredores preenchidos numerosamente por diversos produtos, dos mais variados gêneros, formas, marcas e preços. A primeira impressão pode ser que experimentamos finalmente a liberdade de escolha, porque selecionamos e levamos para casa aquilo que nos convém, mesmo diante de tanta oferta, somos nós quem ao final optamos por alguma coisa. Desde o pensamento marcuseano propõe-se outro olhar, com a seguinte pergunta: quem selecionou previamente tais produtos, e onde surgiu a necessidade de consumi-los? O fato de escolher o que já está posto não necessariamente evidencia liberdade, mas seguramente testemunha a eficácia dos controles.

Tratando-se do uso político da tecnologia e da eficácia dos controles, podemos indagar aqui sobre um problema urbano que permeia os grandes centros: a questão da mobilidade urbana. Muito se diz dos longos congestionamentos nas grandes cidades, mas pouco se indaga sobre o perigo da resposta única que considera o automóvel como a opção mais “agradável” e mais “segura” para a locomoção nos centros urbanos. Tratando do assunto de forma brilhante, André Gorz (2004) traça uma trajetória histórica de como o petróleo ascendeu à principal forma de combustível, e ao mesmo tempo como “despretensiosamente” as rodovias foram configuradas para que o automóvel passasse a indicar, além de *status* social, a principal forma de transporte viável, seja para se deslocar de casa para o trabalho, deixar as crianças na escola ou ainda para o lazer nos fins de semana, longe da cidade congestionada.

É oportuno apontar, que na modernidade tecnologia é usada não somente para “velar” o seu uso político, como também é reinventada para tais fins. Em um artigo que trata do uso político de um instrumento simples como é o caso do arame farpado, Razac pontua: “A resposta à questão ‘arame farpado ou não?’ é um indicador bem confiável da tecnologia política e do tipo de relações entre governantes e governados” (RAZAC, 2013), explicando o porquê de o arame farpado ser utilizado nas mansões ricas da África do Sul ou desenrolado pela polícia para afastar os manifestantes nas Filipinas, enquanto que na França isso não se faz. Em continuação, para destacar como a tecnologia pode “velar” certos objetivos, acerca da fascinação atual pelo uso da cerca vegetal, Razac explana:

Graças a uma escolha de essências vegetais com espinhos particularmente agressivos, esse novo tipo de barreira permite criar um obstáculo tão eficiente

*Problemata: R. Intern. Fil. v. 7. n. 2 (2016), p. 185-203*

*ISSN 2236-8612*

quanto uma cerca de arame farpado, por um custo parecido e com um retorno estético neutro, até mesmo agradável. Como se fosse arame farpado, com a vantagem de dar flores na primavera... (RAZAC, 2013).

Outro exemplo que merece atenção quanto ao uso político da tecnologia diz respeito ao uso e aplicativos de aparelhos eletrônicos (celulares, tablets, etc.) que, em sua maioria, foram pensados e apresentados antes mesmo da demanda do consumidor. Inicialmente, fabrica-se sua utilidade, posteriormente, a sua necessidade. Os fabricantes previamente introduzem a utilidade dos aparelhos intimamente ligada a funções que nem se quer são imaginadas por seus receptores. E, com antecipação, têm programado também sua validade. É o que frequentemente tem-se denominado de “obsolescência planejada” (SLADE, 2006; BAUMAN, 2008; LATOUCHE, 2009). Sobre seu surgimento estratégico, Padilha e Bonifácio afirmam:

Planejar quando um produto vai falhar ou se tornar velho, programando seu fim antes mesmo da ação da natureza e do tempo de uso é a obsolescência planejada. Trata-se da estratégia de estabelecer uma data de morte de um produto, seja por meio de mau funcionamento ou envelhecimento perante as tecnologias mais recentes. Essa estratégia foi discutida como solução para a crise de 1929. O conceito teve início por volta de 1920, quando fabricantes começaram a reduzir de propósito a vida de seus produtos para aumentar venda e lucro (PADILHA e BONIFÁCIO, 2013).

### ***A racionalidade tecnológica como forma de interação***

É neste contexto que se insere a racionalidade tecnológica, apropriadamente observada nos escritos de Marcuse sobre a identidade da tecnologia moderna. Se Marcuse pôde afirmar que existia na sociedade industrial uma única dimensão em todas as formas, muito mais nós podemos afirmar hoje, diante de nossa realidade, que a tecnologia tornou-se a principal mediação entre o começo e o fim de tudo na vida.

Tomemos como exemplo, as frustrações diárias das quais muitos participariam, ao ter de imaginar um mundo sem internet. Para ilustrar tal condição, cita-se a reportagem publicada pelo jornal Folha de São Paulo recentemente, em Janeiro de 2015, em que o diretor executivo da Google®, Eric Schmidt, ao participar do Fórum Econômico Mundial na Suíça, fez uma afirmação intrigante: “A internet desaparecerá!”, prevendo que no futuro a internet estará tão ligada ao cotidiano das pessoas que será impensável se dissociarem dela, ou seja, se tornará parte da rotina do homem que com ela interage, sem nem ao menos fazer-se notar (FOLHA DE SÃO PAULO, 2015).

Para reforçar a ideia acima, pode-se recorrer ainda, ao vídeo intitulado *A Magazine Is an iPad That Does Not Work*, (de circulação no YouTube®, outubro de 2011), em que uma garotinha de apenas 1 ano de idade (os assim

chamados “nativos digitais”), por ter contato inicialmente com o Ipad, posteriormente, ao receber uma revista, tenta “folhear” as páginas repetindo os mesmos movimentos executados no aparelho eletrônico, além de procurar com seus dedinhos dar um *zoom* nas imagens, ou clicar nos ícones de texto, como se fosse uma tela *touch screen*.

Marcuse assinalou que as relações entre os homens estariam cada vez mais mediadas pelo processo técnico. Na atualidade observamos que a comunicação entre os homens tende a tornar-se cada vez mais escassa, ou a estar confinada nos espaços virtuais de interação sob a mediação das chamadas tecnologias da informação. Tendo em vista que, “Nas sociedades modernas as relações sociais são deslocadas dos contextos territoriais de interação e se reestruturam por meio de extensões indefinidas de tempo-espaço” (ORTIZ, 1996, p. 45), tal como afirmou Marcuse, nos dias atuais também nos parece uma irracionalidade optar por um método contrário de relação social. Por isso mesmo é possível que nos emocionemos mais com a catástrofe ocorrida lá fora (por exemplo, o desastre com um avião aéreo), do que com as que acontecem no nosso próprio país (por exemplo, os barcos que frequentemente afundam com as populações ribeirinhas no Rio Amazonas).

O sociólogo brasileiro Octavio Ianni, ressalta: “Em pouco tempo, as províncias, regiões e nações, assim como culturas e civilizações, são permeadas e articuladas pelos sistemas da informação, comunicação e fabulação agilizados pela eletrônica” (1996, p. 5). Desta forma, podemos assinalar que no atual estágio, o arranjo social organiza-se mediante processos tecnológicos mundialmente difundidos. Essa cultura da comunicação virtual contextualiza o homem em uma nova face da unidimensionalidade, a era da globalização.

### ***Um mundo globalizado e unidimensional***

Prosseguindo na análise marcuseana, apresenta-se, no contexto da sociedade globalizada, a tecnologia em seu caráter unidimensional.

Os termos “sociedade industrializada”, “pós-industrializada”, “globalizada”, etc., retratam o esforço de se caracterizar uma época, porque intentam descrever as principais características da sociedade em cada tempo. Mas, o termo “globalização”, tal como afirma Bauman, “não diz respeito ao que todos nós, ou pelo menos os mais talentosos e empreendedores, desejamos ou esperamos *fazer*. Diz respeito *ao que está acontecendo a todos nós*” (BAUMAN, 1999, p. 64). Especialmente após o período da Segunda Guerra mundial, e com o advento de redes informatizadas, a globalização passou a designar a integração dos processos sociais, econômicos, políticos e culturais

ocorridos ao redor do mundo; uma espécie de “quebra das fronteiras” geográficas e, quem sabe, também dos pensamentos. Globalização, neste sentido, diz respeito àqueles processos pelos quais os povos do mundo são incorporados em uma sociedade mundial, uma sociedade global (ALBROW, 1990, p. 9).

Mais precisamente sobre o papel que desempenha a tecnologia neste novo estágio da civilização ocidental, Milton Santos explica que: “Os últimos anos do século XX testemunharam grandes mudanças em toda a face da Terra. O mundo torna-se unificado – em virtude *das novas condições técnicas*, bases sólidas para uma ação humana mundializada” (2000, p. 19. Grifo nosso). Assim, o século XXI experimenta uma espécie de conexão mundial, onde uma ocorrência local pode ser o resultado das influências de outras situações ocorridas à milhas de distância, “a técnica da informação alcança a totalidade de cada país, direta ou indiretamente. Cada lugar tem acesso ao acontecer dos outros” (SANTOS, 2000, p. 13).

Como se pode observar, não são poucos os trabalhos científicos e filosóficos, surgidos no final do século XX, numa tentativa de apreender e designar este fenômeno da atualidade. Sobre estes intentos, Ortiz argumenta:

Chama a atenção nesses textos a profusão de metáforas utilizadas para descrever as transformações deste final de século: “primeira revolução mundial” (Alexander King), “terceira onda” (Alvin Toffler), “sociedade informática” (Adam Schaff), “sociedade amébrica” (Kenichi Ohmae), “aldeia global” (McLuhan) (ORTIZ, 1994, p.14).

Do mesmo modo e complementarmente, ao citar as expressões que tomaram conta do mundo a respeito da globalização, Ianni relata que:

Há metáforas e expressões descritivas e interpretativas fundamentadas, circulando em combinação pela literatura sobre a globalização: “economia mundial”, “sistema mundial”, “shopping center global”, “Disneylandia global”, “nova divisão internacional do trabalho”, “moeda global”, “cidade global”, “capitalismo global”, “mundo sem fronteiras”, “tecnocosmos”, “planeta Terra”, “desterritorialização”, “miniaturização”, “hegemonia global”, “fim da geografia”, “fim da história” e outras. Em parte, cada uma destas e outras formulações abrem problemas específicos também relevantes (IANNI, 1996, p. 4).

Partindo de tais expressões particulares cunhadas desde o meado do século passado até os nossos dias, é possível ressaltar que elas indicam além de uma transmissão global de interesses, sugerem uma convergência nos modos de agir e pensar do homem na modernidade, este que é agora direcionado à práxis do capitalismo: o consumo desenfreado. O termo globalização e suas metáforas descrevem, assim, uma nova ordem mundial que se estabeleceu por interesses de expansão econômica e territorial dos mercados.

Observemos, por fim, que tal como indica Milton Santos (2000) “as novas condições técnicas” implicaram em uma nova ação mundialmente unificadora. Ao ser resultado da mediação das tecnologias informacionais nos processos de comunicação e interação social, a globalização pode, deste modo, ser entendida como a nova idealização marcuseana da sociedade unidimensional. Seja nas metáforas que a descrevem, seja nos impactos culturais observados pela sua manifestação (como por exemplo: a extinção dos dialetos nativos das comunidades tradicionais de indígenas do continente americano), a nova era representa a solidificação de padrões antes enraizados nas culturas hegemônicas e que hoje são impressas em todas as nações, através dos meios científicos e tecnológicos que se difundem, sublimando as ideologias de uma sociedade controladora e sumamente capitalista.

### **Considerações finais**

Herbert Marcuse, filósofo crítico do século XX, ao procurar desenvolver em sua época uma crítica que ligasse teoria e prática, avaliou a tecnologia sob vários aspectos, e foi capaz de desmistificar, baseando-se no contexto histórico de seu tempo, a neutralidade da técnica e da tecnologia, analisando e desmascarando o papel e o uso político da tecnologia no contexto do totalitarismo e das duas grandes Guerras Mundiais. Evidenciou assim, a frente de seu tempo, que a tecnologia agia enquanto racionalidade e também como objeto político de dominação, estando ela sujeita aos ditames das ideologias dominantes.

Por fim, já em suas obras mais recentes, apontou que o homem na era industrial havia se tornado unidimensional, no sentido de ser a tecnologia uma mediação necessária como principio e fim das relações humanas. E, muito além do que muitos o consideraram, Marcuse apresentou não um comportamento pessimista em relação à tecnologia, mas sim emancipador. Mesmo que utopicamente, não desconsiderou estar na tecnologia a solução para diminuição dos trabalhos e pesares humanos, restando somente ao posicionamento crítico a reivindicação de uma realidade maior que aquela em que residia “sociedade industrial avançada”.

Também na atualidade não se pode desconsiderar as contribuições marcuseanas, visto que, muito do seu pensamento se reflete hoje na “era da informação”, na qual as tecnologias da informação apresentam-se como única dimensão relacional e possível da condição humana. É, pois, por aqui, por onde os hábitos de consumo se transformaram no uso político da tecnologia; onde a racionalidade tecnológica se insurgiu como forma determinante da condição das relações humanas; onde a unidimensionalidade se reveste agora

na nova roupagem do mundo globalizado, por donde poderá o caráter emancipador da condição humana fazer-se prevalecer. Somente o homem, enquanto consciente de sua condição de alienação, do perigo da história única e unidimensional, será capaz de reagir sobre tal administração e controle que se impõe como única forma de vida no tempo presente, pois tal como afirma Heidegger (1997, p. 91), parafraseando Hölderlin no hino *Patmos*: “Ora, onde mora o *perigo* é lá que *também cresce* o que *salva*”.

### Referências

ALBROW, Martin. *Globalization, knowledge and society*. In Martin Albrow e Elizabeth King (eds.), *Globalization, knowledge and society*. Londres: Sage Publications, 1990.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Eu Etiqueta*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro: 16-1- Caderno B, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEZERRA, Cícero Leilton Leite. *Uma nova tecnologia no pensamento de Herbert Marcuse: arte e técnica na sociedade unidimensional*. (Dissertação de Mestrado). Natal: Programa de Pós – Graduação em Filosofia da UFRN, 2010.

FOLHA DE SÃO PAULO. ‘A internet desaparecerá’, diz diretor executivo do Google em Davos. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/01/1580022-a-internet-desaparecera-dizdiretor-executivo-do-google-em-davos.shtml>. Acesso em: 24 Ago. 2015.

GORZ, André. *A ideologia social do automóvel*. In: *Apocalipse motorizado*, editado por Ned Ludd. São Paulo: Conrad, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume Editora Comunicação, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: *Cadernos de tradução*, n. 2. DF/USP, 1997.

IANNI, Octavio. *Teorías de la globalización*. México: Siglo XXI editores CEIICHUNAM, 1996.

KELLNER, Douglas. *Tecnologia, Guerra e Fascismo: Coletânea de Artigos de Herbert Marcuse*. Tradução de Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

LATOUCHE, S. *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: O homem unidimensional*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

\_\_\_\_\_. *Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

\_\_\_\_\_. Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna. In: *Tecnologia, Guerra e Fascismo*, editado por Douglas Kellner. Tradução de Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

\_\_\_\_\_. *Razão e Revolução: Hegel e o advento da teoria social*. 5ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PISANI, Marília Melo. Tecnologia e política em Marcuse. In: *Cult*. Edição on-line, nº 127. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/tecnologia-e-politica-em-marcuse/>>. Acesso em: 03 Nov. 2015.

PADILHA, Valquíria; BONIFÁCIO, Renata Cristina A. Obsolescência planejada: armadilha silenciosa na sociedade de consumo. In: *Le Monde Diplomatique/Brasil* Edição on-line, 02 de Setembro de 2013. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/artigo.php?id=1489>. Acesso em: 10 Dez. 2013.

RAZAC, Olivier. Arame farpado: ferramenta rudimentar mas ainda eficaz. In: *Le Monde Diplomatique/Brasil*. Edição on-line, 2 de setembro de 2013. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/artigo.php?id=1494>. Acesso em: 11 Nov. 2013.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SLADE, G. *Made to break: technology and obsolescence in America*. Harvard University Press, 2006.

USER/EXPERIENCE/WORKS. *A Magazine Is an iPad That Does Not Work*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aXV-yaFmQNk>. Acesso em: 24 Ago. 2015.